

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo V – Lei de Conservação

Item 2. Meios de conservação

707. É frequente a certos indivíduos faltarem os meios de subsistência, ainda quando os cerca a abundância. A que se deve atribuir isso?

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre. Depois e as mais das vezes, devem-no a si mesmos. Buscai e achareis; estas palavras não querem dizer que, para achar o que deseje, basta que o homem olhe para a terra, mas que lhe é preciso procurá-lo, não com indolência, e sim com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muito amiúde são simples meios de que se utiliza a Providência, para lhe experimentar a constância, a paciência e a firmeza.” (534).

Se for certo que a Civilização multiplica as necessidades, também o é que multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver. Forçoso, porém, é convir em que, a tal respeito, muito ainda lhe resta por fazer. Quando ela houver concluído a sua obra, ninguém deverá haver que possa queixar-se de lhe faltar o necessário, a não ser por sua própria culpa. A desgraça, para muitos, provém de enveredarem por uma senda diversa da que a Natureza lhes traça. É então que lhes falece a inteligência para o bom êxito. Para todos há lugar ao Sol, mas com a condição de que cada um ocupe o seu e não o dos outros. A Natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio.

Fora preciso, entretanto, ser-se cego, para se não reconhecer o progresso que, por esse lado, têm feito os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que, juntas, a Filantropia e a Ciência não cessam de despender para melhorar a condição material dos homens e malgrado ao crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção se acha atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos do presente não se podem de modo algum comparar aos de outrora. A higiene pública, elemento tão essencial da força e da saúde, a higiene pública, que nossos pais não conheceram, é objeto de esclarecida solicitude. O infortúnio e o sofrimento encontram onde se refugiem. Por toda parte a Ciência contribui para acrescer o bem-estar. Poder-se-á dizer que já se haja chegado à perfeição? Oh! não, certamente; mas, o que já se fez deixa prever o que, com perseverança, se logrará conseguir, se o homem se mostrar bastante avisado para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias e não em utopias que o levam a recuar em vez de fazê-lo avançar.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0707).

Livro 14

Capítulo 707 – A abundância

0707/ LE

A abundância sempre nos cerca por todos os lados e em toda parte, no entanto, necessário se faz que procuremos o de que precisamos nos lugares certos. Cabe a nós entregarmo-nos ao trabalho honesto para cumprir o que Jesus disse para todos os homens: “Buscai e achareis”. A abundância existe, mas é preciso que seja buscado, e

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.

depois, nos nossos domínios, saber usá-la na medida das nossas necessidades. O egoísmo dos homens resulta em entrave para toda a Terra. As grandes nações, por incrível que pareça, acumulam alimentos, vestes e instrumentos de guerra, enquanto morrem de fome, milhares de seus irmãos em toda parte do mundo. A belicosidade assanha os povos, e quando a guerra não vem pela ordem natural das coisas, os dirigentes das nações a provocam para que o comércio se ative e as nações menores se amedrontem.

A miséria que se espalha no mundo é falta exclusivamente do Evangelho no coração das criaturas. São muitos os estudiosos do Evangelho, os teóricos, mas poucos os que vivem os seus ensinamentos, buscando exemplificar as verdades eternas.

Tudo existe com abundância, visando manter o equilíbrio de todos os povos. O que falta, é por invigilância dos próprios homens. Deus deu às criaturas todos os meios de encontrarem a sua própria felicidade, convertendo-a em conquista, mas os homens ainda não entenderam essas bênçãos. Contudo, o Senhor não se desespera com a indolência dos Seus filhos; Ele espera e espera mais quanto tempo for necessário, a fim de que as almas acordem ante a luz da libertação espiritual.

A Doutrina Espírita surgiu na Terra para ensinar aos homens o bem viver; ela mostra todas as diretrizes do amor, mas a humanidade as recusa, por lhe faltar a maturidade que corresponde à assimilação das luzes para o coração.

Existem dois tipos de alimentos no mundo: o material e o espiritual. A princípio, somente é conhecido o material, e todos o buscam, no entanto, o Espírito preparado interessa-se mais pelo alimento espiritual, pois se servindo dele, nunca mais terá fome ou sede.

Vamos escutar a João, que serve de instrumento de Jesus, no capítulo quatro, versículos treze e catorze:

Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede. (João, 4:13)

Referia-se o Mestre à água que a samaritana bebia do poço da terra; e adiante acrescenta Jesus:

Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede. (João, 4:14)

A água de Jesus é a água da vida, é o alimento eterno e, ainda mais, quem a tomar, n'Ele encontrará uma fonte que jamais secará.

Em todos os lugares em que estejamos aí se encontra a abundância, não obstante, é preciso que a busquemos com honestidade e amor. Deus não iria, criar Seus filhos para deixá-los passar necessidades. A fonte de nutrição em todos os planos de vida é muito maior do que se pensa ser. Infelizmente, até mesmo muitos espíritas bem encaminhados para a verdade ignoram, ou se fazem ignorar, muitas fontes que o progresso lhes encaminha, de modo a lhes mostrar a grande esperança.

A felicidade não pode ser doada; a parte que toca à alma deve ser conquistada pelo esforço próprio, como sendo o salário do trabalhador.

Está chegando o momento dos canhões recuarem e serem transformados em instrumentos de lavoura, não mais servindo à violência, em matanças que o amor não aprova. Quando falamos em canhões, nos referimos a todas as armas de morticínio. Quando falamos em orar e vigiar, é pedir a Deus com sinceridade a paz, mas vigiar no trabalho incessante no bem comum.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XIV, Cap. 707 – A abundância

– questão 0707, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valemos pelo que fazemos.